

*O mundo alucinante e sua política de
representação: uma análise pragmática*⁴⁰
*El mundo alucinante and its representation policy: an
pragmatic analysis*

*Ana Paula Silveira*⁴¹
*Luciana Cristina da Silva*⁴²

⁴⁰ Este artigo foi apresentado como requisito obrigatório para conclusão do curso de licenciatura em letras pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

⁴¹ Aluna do curso de mestrado em estudos literários da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. E-mail: silveiraletas@yahoo.com.br

⁴² Professora doutora de língua espanhola do curso de letras português/espanhol da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. E-mail: lucianacs34@gmail.com.

RESUMO: Mostraremos, neste trabalho, que as perspectivas ideológicas representadas em um romance são responsáveis pela demarcação de critérios capazes de distinguir “ficção” e “realidade”, mas se constituem, sobretudo, em um ato de intervenção sobre o modo como o olhar será direcionado a esta realidade. Nesta perspectiva, o interesse deste trabalho é o de lançar sobre o romance de Reinaldo Arenas, *O mundo alucinante*, um olhar a partir do que Rajagopalan (2010) nomeia de Nova Pragmática, ou seja, uma pesquisa em pragmática que concebe a linguagem, antes de tudo, na sua dimensão política.

Palavras-chave: pragmática; política de representação; *O mundo alucinante*.

ABSTRACT: We show in this paper that the ideological perspectives represented in a novel are responsible for the demarcation criteria capable of distinguishing “fiction” and “reality”, but are, above all, in an act of intervention on how the look will be directed to this reality. In this perspective, the interest of this work is to launch on the novel by Reinaldo Arenas, *The World Evil Dead*, a look from what Rajagopalan (2010) appoints New Pragmatics, i. e., in pragmatics the research that conceives language, first of all, in its political dimension.

Keywords: pragmatic; politics of representation; *O mundo alucinante*.

Introdução

Publicado na década de 1960, *O mundo alucinante* aloca-se num momento da criação literária da América Latina instaurador de uma nova forma de narrativa: o realismo maravilhoso que, inaugurado na América pelo escritor, também cubano, *Alejo Carpentier*, evidencia-se, entre outros aspectos, pelo seu caráter concatenante entre história e mito, possibilitando que elementos fantásticos sejam apreendidos na tessitura do romance como partes indissociáveis da realidade que ali se apresenta.

É partindo da ideia de concatenação entre o real e o fantástico que este trabalho analisa os aspectos políticos e ideológicos da trama discursiva da narrativa da obra *O mundo alucinante*, de Reinaldo Arenas.

Embora o objetivo deste trabalho não seja o de uma análise teórica do aspecto estilístico do romance de Arenas, vale ressaltar que o realismo maravilhoso é aqui citado por entendê-lo enquanto um conceito que traz em si a fundação de uma identidade cultural literária latino-americana, surgida na América já sob a forma de repúdio às influências da literatura fantástica europeia. De acordo com Vieira (2010, p.2):

Esse novo realismo começava a experimentar outras soluções técnicas para construir uma imagem plurivalente do real; trata-se, em síntese, de uma “nova atitude” do narrador diante do real. Para além de um simples movimento estético-literário, os escritores dessa nova narrativa foram responsáveis por criar um conceito cultural sobre a América, uma ideologia sobre a significação do continente no cenário mundial, enfatizando a produção artística também como política: trata-se, sobretudo, de uma inquisição sobre a identidade latino-americana.

Dessa forma, entende-se que o aspecto inquisidor citado por Vieira (2010, p. 3) apresenta-se sob a forma de uma tomada de consciência “histórica do homem latino-americano”, definido por *Carpentier* como a afirmação de uma especificidade singular de toda a América Latina: uma narrativa passível de ser provada “pelos pesquisas de seus acontecimentos históricos”. Para Carpentier (apud VIEIRA, p.3), longe da inventividade artística dos europeus, a América continha em si mesma o elemento constituinte de sua formação histórica e aspecto indispensável à sua identidade cultural. Numa transcrição do prólogo de *O reino deste mundo*, de *Carpentier*, Vieira nos apresenta a necessidade do autor cubano em (re) afirmar uma narrativa pautada na realidade de um momento histórico específico:

[...] é mister advertir que o relato que se segue foi estabelecido com base numa documentação extremamente rigorosa, que respeita a verdade histórica dos fatos, dos nomes dos personagens

(...) Entretanto,(...) tudo é maravilhoso, nessa história impossível de situar na Europa, e que, todavia, é tão real como qualquer feito exemplar daqueles consignados, para edificação pedagógica, nos manuais escolares. Mas o que é a História da América senão toda uma crônica da Realidade Maravilhosa? (CARPENTIER apud VIEIRA, 2010, p.3)

Dessa forma, o interesse deste trabalho é pautado, em relação à obra *O mundo alucinante*, de Reinaldo Arenas, por uma perspectiva de análise pragmático-discursiva, mais especificamente, pela política de representação que perpassa sua narrativa, pois se acredita que, desvelando os aspectos discursivos que permeiam o romance, seja possível também desvelar uma realidade histórica.

Breve resumo da obra

Revelador dos abusos cometidos sobre os países latino-americanos pelos colonizadores europeus, a obra *O mundo alucinante* (do escritor cubano Reinaldo Arenas) tem como figura de representação das colônias espoliadas o personagem mítico *Servando Teresa de Mier*, frei dominicano responsável por trazer à tessitura do romance as perseguições sofridas em decorrência de seu caráter questionador e crítico diante das atrocidades políticas e religiosas com as quais se deparava em consonância às constantes fugas apreendidas para escapar da Inquisição espanhola.

Apresentado como um orador de grande notoriedade, *Servando* passa da condição de teólogo ovacionado a expatriado, tendo sido enviado prisioneiro à Europa após pregar, na data de celebração litúrgica à Virgem de Guadalupe, um sermão no qual teorizou que a aparição da padroeira do México tenha se dado em momento anterior à chegada dos espanhóis na América e, dessa forma, questionando o aspecto salvacionista atribuído ao processo de colonização dos “povos pagãos”.

Símbolo de resistência, *Servando* é personagem que se caracteriza pela atemporalidade de suas lutas pela liberdade física e ideológica. Percorrendo países da América e Europa, após décadas de prisões e escapatórias, *Servando* nos descreve um universo em que imperam as atrocidades políticas e religiosas sobre populações inteiras, retratando os interesses econômicos como objetivos orientadores dos violentos domínios.

Cabe ressaltar que, desde o título da obra de Arenas, podemos perceber inúmeros adjetivos que constituem uma política de representação em que se denunciam as atrocidades que antagonizaram América e Europa no processo histórico de colonização.

O numeroso uso de adjetivos percebido na obra de Arenas remete-nos ao que Rajagopalan (2010) entende por recursos estilísticos. Ao comentar a coloquialidade em uma das obras de John Langshaw Austin (*How to do things with words*), Rajagopalan (2003) afirma que os recursos estilísticos são, longe de simples recurso retórico, escolhas lexicais, o que “pressupõe a existência de uma escala de valores, uma hierarquia” (p. 33). Portanto, trata-se de uma linguagem cuja adjetivação não tem nada de neutralidade.

Nesta perspectiva, a linguagem de *O mundo alucinante* retrata um universo às avessas, mas não em seu aspecto “numenal⁴³” (este termo é uma referência realizada por Rajagopalan (2003) ao criticar a tese do representacionalismo de Kant em relação ao aspecto de transparência da linguagem). Isto porque entendemos que, sob a perspectiva da pragmática, aqui adotada como referencial teórico de análise, a linguagem não é da ordem de uma transparência, de uma neutralidade capaz de representar diretamente a realidade.

Para Rajagopalan (2010), a linguagem, além de ser concebida como uma ação política, por envolver escolhas lexicais, é também heterogênea, pois cada um significa um objeto a partir de seu olhar. Segundo o autor, a realidade/o mundo são significados segundo o olhar de cada um. Para Kant, diferentemente, a realidade/o mundo são apreendidos, bastando o raciocínio lógico e a capacidade cognoscente para isto.

1. Percursos e conceitos que constituem a pragmática.

1.1 Breve histórico da pragmática.

Área dos estudos linguísticos de difícil delimitação teórica, a pragmática é apresentada por Pinto (2006) como forma de evidenciar os caminhos traçados por esta vertente no que tange aos aspectos comuns às diferentes correntes que fazem uso da abordagem pragmática para compreensão das práticas linguísticas.

Em meio a tantas abordagens, Pinto (2006) esmiúça uma cronologia que traça os percursos que fazem da pragmática uma ciência tão heterogênea e pautada por diferentes perspectivas. No entanto, aponta para um aspecto comum a todas elas, ou seja, o fato de ser a linguagem um fenômeno social sustentado por seus usuários: falantes que trazem em si toda a complexidade de serem sociais e, portanto, envoltos em seus aspectos éticos, econômicos, políticos e culturais.

⁴³ Para Kant, a linguagem seria capaz de representar diretamente a realidade (apreender o mundo tal como ele é) e é isto o que ele chama de numenal.

Sabe-se que é característico do Homem, desde os tempos mais remotos, procurar explicar e dominar, através do conhecimento, o mundo em que vive. Com a linguagem, algo indissociável deste seu universo, não é diferente. Segundo Orlandi (2006, p. 08):

A sedução que a linguagem exerce sobre o homem existe desde sempre (...). Na Grécia antiga, os pensadores estendiam-se em longas discussões para saber se as palavras imitam as coisas ou se os nomes são dados por pura convenção. Ou então mantinham calorosos debates sobre a própria organização da linguagem: ela se organiza, perguntavam eles, de acordo com a ordem existente no mundo, seguindo princípios que têm como referência as semelhanças ou as diferenças?

Compreender os desafios impostos aos estudiosos da linguagem através da história se faz necessário para situar a pragmática, ciência tão recentemente abordada, em um possível processo cronológico dos estudos linguísticos.

Para Pinto (2006), as considerações tão variadas dadas pela pragmática acerca dos usos linguísticos, em seus mais diversos estudos, temas e objetivos, demonstram que, assim como o homem e a sociedade através da história, também a linguagem mudou, transformou-se, exigindo, desta forma, uma nova fase, novas ideias e, conseqüentemente, uma nova ciência. Segundo a autora (2006, p. 48):

A Pragmática aposta nos estudos da linguagem, levando em conta também a fala, e nunca nos estudos da língua isolada de sua produção social. Dessa forma, os estudos pragmáticos pretendem definir o que é linguagem e analisá-la trazendo para a definição os conceitos de sociedade e de comunicação descartados pela Linguística Saussureana na subtração da fala, ou seja, na subtração das pessoas que falam.

Sendo assim, analisar a linguagem e suas manifestações sob a perspectiva da pragmática requer, primeiramente, considerá-la como uma ação, que valoriza não somente a relação existente entre linguagem e pensamento, mas também a relação entre linguagem e sociedade. Isto significa que sua abordagem dá lugar às questões, até então, não trabalhadas e/ou pensadas pela sintaxe e pela semântica.

Para Orlandi (2006, p. 55), “através da pragmática é que se inclui, ao lado do estudo da relação entre os signos e do estudo das relações entre os signos e o mundo, o estudo das relações entre os signos e seus usuários”. A partir destas considerações, o desafio imposto, de acordo com Pinto (2006), se deu em orientar os estudos da pragmática em meio a tantos fenômenos de linguagem em uso.

Considerando o caráter multifacetado e em constante processo de transformação desses

fenômenos, Pinto (2006) delimita três principais correntes dos estudos pragmáticos: o pragmatismo americano (sob a influência dos estudos semiológicos de William James, que considera o sinal, mas também “aquilo a que este sinal se remete”, p. 51), a teoria dos atos de fala de J. L. Austin (que preconiza o que “se diz fazendo, ou se faz dizendo”) e os estudos da comunicação (firmados nas relações sociais presentes nas atividades linguísticas).

Charles S. Pierce foi, segundo Pinto (2006), o primeiro autor a utilizar o termo *pragmatics*. Com base em suas teorias, uma tríade pragmática envolvendo signo, objeto e interpretante fora elaborada por filósofos influenciados pelos seus estudos. Seus principais seguidores, segundo a autora, foram William James e Charles W. Morris, precursores do pragmatismo americano.

Mesmo seguindo caminhos diferenciados, conclui-se que ambos, James (“verdade é o melhor para nós acreditarmos”, p. 53) e Morris (“empirismo lógico”, “doutrina da ciência unitária”, p. 53), convergiram a um mesmo ponto preconizado posteriormente por Willard V. Quine: forneceram bases filosóficas em que a análise linguística relaciona sempre signo e falante.

Com isto, toda a prática linguística firma-se como um fenômeno essencialmente social e, os “mal-entendidos” comuns em diálogos do cotidiano deixam de ser vistos como erros, mas como um todo coerente de seu contexto de produção.

1.2 Noção de performatividade

Segundo Pinto (2006, p. 57), Austin “concebe a linguagem como uma atividade construída pelos/as interlocutores/as”. Para a autora, uma das principais distinções promovidas pelo filósofo refere-se aos enunciados ditos performativos (que realizam ações ao serem ditos) e aos constativos (que realizam uma afirmação).

A partir dessa distinção, Austin (1990) trabalha na separação dos níveis de ação linguística, ou seja, em atos locucionários (“aqueles que dizem alguma coisa”, p.58), atos ilocucionários (“aqueles que refletem a posição do locutor/a em relação ao que ele/a diz”, p.58) e atos perlocucionários (“aqueles que produzem certos efeitos e efeitos sobre os/as alocutários/as”, p.58).

Os estudos da comunicação são apontados como um híbrido das correntes anteriores, diferenciando-se pelo crédito dado às teorias filosóficas historicistas. Questões envolvendo a comunicação humana são derivadas, de acordo com Pinto (2006), de estudos marxistas que têm na diferença de classes sua maior fonte de teorização.

Partindo do conceito de Grice sobre cooperação, a autora aponta para Jacob L. Mey como o autor responsável por questionar a cooperação comunicativa atrelada à ideologia de “parceria social” nas práticas linguísticas. Mey (1987) entende comunicação para além de uma atividade pacífica e colaborativa, ou seja, entende comunicação como trabalho social cujos conflitos são constitutivos da linguagem. Dessa forma, toda e qualquer análise linguística que tenha por intuito excluir os aspectos sociais de sua produção correm, de acordo com Pinto (2006), o risco de se mostrarem inócuas ou ineficientes.

Acrescenta-se a isso, portanto, a consideração da linguagem, numa perspectiva pragmática, enquanto uma forma de ação e não simplesmente uma descrição do real. Daí o caráter essencialmente filosófico da pragmática, que tem na noção de performatividade a característica central que concebe a linguagem como ação, como a realização de algo.

A performatividade da linguagem postulada por J. L. Austin refere-se, dessa forma, à capacidade de atos linguísticos de produzir realidades em situações específicas. De acordo com Silva (2013 p.48-49):

Ao mostrar-nos que a linguagem é essencialmente performativa, Austin (1990) também problematiza a noção de verdade e interpretação, tal como era defendida pela filosofia clássica. Ela também sinaliza que a verdade não é algo a ser descoberto, mas é construída “para certos fins e propósitos” (...) Sob esta perspectiva, Rajagopalan (2003) – um dos autores que tomamos como referência no que tange aos estudos pragmáticos atuais que se apoiam em questionamentos pós-metafísicos – também problematiza a noção de verdade como algo dado (a ser descoberto).

No entanto, ressalta-se não ser somente o ato de dizer algo o que baste para a plena realização performativa. Para que a ação designada seja, de fato, bem-sucedida, as circunstâncias são primordiais para sua efetivação, circunstâncias estas relacionadas à comunicação e ao seu contexto, isto é, quem e para quem se fala; para que e o que se fala e onde se fala, condições, segundo Silva (2013 *apud* Pinto 2002), dos atos de fala vinculados a convenções ritualizadas que propiciam seu caráter de ação, uma iteração/repetição que está além da clássica concepção de “transporte” dada à comunicação.

1.3 Noção de iterabilidade

As condições adequadas de comunicação e contexto são fundamentais para que a performatividade da linguagem seja efetuada. No entanto, tal performatividade se sustenta, também, no conceito de iterabilidade para que o aspecto de autoridade enquanto enunciado seja conferido a partir da construção de verdades “para certos fins e propósitos”.

De acordo com Pinto (2013), a iterabilidade é um conceito postulado pelo francês Jacques Derrida (em complemento ao conceito de citacionalidade) no intuito de “ênfatizar a originalidade antilogicista de Austin”, conforme Silva (2013 apud PINTO, 2002), uma convencionalidade intrínseca ao ato de fala, que garante a performatividade. Segundo Pinto (2013):

Derivada do sânscrito itara, “outro”, a iterabilidade é a propriedade do signo de ser sempre outro na sua mesmidade, a repetição na alteração; a citacionalidade é a propriedade do signo de ser retirado de seu contexto “original” e deslocado para outro, produzindo, por isso mesmo, significado. Derrida argumenta que tais propriedades não são eventuais ou acidentais, mas constitutivas dos signos, portanto, dos atos de fala, e, delas, os atos retiram sua força. (PINTO, 2013, *on-line*)

Assim, a iterabilidade é propriedade daquilo que se repete; mas ao mesmo tempo é da ordem do (ir) repetível, justamente porque ao (re) dizer, também se (re) significa. Atravessando a realização do ato de fala, a iterabilidade, segundo Pinto (2013), “tem sempre uma dívida com a historicidade condensada”. Isto porque a iterabilidade, segundo Silva (2013 apud DERRIDA, 1991), consiste na possibilidade de o signo ser repetido não somente na ausência de um referente, mas também de uma significação determinada ou de uma intencionalidade comunicativa, implicando, assim, repetição enredada à noção de alteridade.

Dessa forma, a linguagem possibilita um rompimento com qualquer espécie de continuísmo, isto porque, fora de seu contexto de enunciação, por exemplo, um signo repetido pode ser reconhecido, mas, ao permitir uma nova leitura, num novo contexto, deixa de ser o mesmo signo, passando a ser outro.

1.4 Política de Representação em *O mundo alucinante*

Rajagopalan (2003), ao discorrer “Sobre a arte, a ficção e a política de representação”, orienta-nos que um leitor entra no mundo da ficção aceitando as convenções estabelecidas pelo escritor, ou seja, consciente de que vigorarão regras para um jogo de linguagem que, ontologicamente, são distintas do mundo “dos fatos”. Para o autor, esta é uma questão eminentemente ideológica e, conseqüentemente, política, pois “toda representação é política”.

Simbolicamente ligado ao social, o conceito de política, segundo Júnior (2008), é uma prática que envolve ideologias sociais que buscam a construção de verdades sociais por meio de suas representações, o que possibilita afirmar que toda representação resulta da performatividade de valores socialmente construídos.

As questões políticas e linguísticas que envolvem todo processo de representação são, segundo Rajagopalan (2003), determinantes nas diferentes maneiras de se representar o mundo, pois envolvem escolhas lexicais numa escala de valores, o que também preconiza uma responsabilidade ética, pois ao escolher “x” e não “y” se está de uma maneira (ou de outra) representando algo.

De acordo com Júnior (2008, p. 22), “o jogo de poder que se estabelece pela linguagem na tessitura das práticas discursivas é motivado por ideologias políticas”. Sabemos da importância da linguagem e da existência de uma tradição cultural enquanto bases sólidas para a formação identitária de um povo.

Isto ocorre porque, segundo Silva (2000), todo processo de produção identitária é motivado por relações de poder que são estabelecidas nas disputas que definem a presença da inclusão, exclusão, classificação e normalização. A esse processo, Silva denomina “diferenciação”. De acordo com o autor (2000, p. 82):

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence (...). Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao, mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. “Nós” e “Eles” não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes “nós” e “eles” não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder.

Essa concepção de identidade é consonante com a perspectiva de Rajagopalan (2010) em relação à natureza social da linguagem. Para o autor, a linguagem, o mundo e a mente devem ser repensados de forma não-essencialista, isto é, “à luz das formas de pensar nossos dias” (2006, p. 80). Segundo Rajagopalan (2010, p. 67):

A lógica dos mundos possíveis torna viável pensar nosso mundo – o famigerado mundo real que outrora serviu de base certa para fundamentar as mais variadas teorias – como apenas uma das tantas possibilidades de realidades. Já a linguagem deixou de ser pensada como um fenômeno pronto e acabado (como queriam os teóricos no auge do estruturalismo), posto que as reflexões de cunho pós-estruturalista mostraram que a tão propalada clóture da estrutura não passava de uma ilusão e que o sujeito e a história, por tabela, insistiam em marcar presença graças ao vazio deixado pelo centro ausente.

Na continuação, analisaremos alguns fragmentos da obra, embasando-nos na perspectiva teórica pontuada até aqui.

Análise dos dados

Em *O mundo alucinante*, a narrativa é construída por meio de três narradores (eu, tu, ele) dedicados ao relato das aventuras de seu protagonista, o frei dominicano *Servando Teresa de Mier Noriega y Guerra*, possibilitando-nos o contato com três pontos de vista que sustentam uma mesma versão para o passado colonial da história do México: a submissão do povo latino-americano em relação ao colonizador europeu, neste caso específico, ao espanhol.

Reinaldo Arenas, intermediador declarado no romance, afirma que, longe de designá-lo como “histórico”, tem por objetivo captar “o sentido de dor do homem dorido” que representa. Não objetivou, dessa forma, o enquadramento da causa desta dor, mas seu efeito. Isto é algo impossível de ser marcado no linear tempo histórico, mas passível de tornar-se eterno por conta de sua atemporalidade, de sua indiscutível atualidade que não depende de um tempo cronológico do qual o “homem é metáfora”⁴⁴.

Assim, cabe ressaltar a relevância das notas introdutórias feitas por Reinaldo Arenas no romance aqui analisado para que a linguagem que transita entre mundo “real” e mundo “ficcional” seja, portanto, interpretada e analisada. As observações de Arenas são uma orientação em relação à preocupação do autor em, inicialmente, chamar nossa atenção para a existência (a qual designa como “história oficial”) de um personagem real que “percorrerá a pé toda a Europa realizando aventuras inverossímeis (...) uma das figuras mais importantes (e infelizmente quase desconhecida) da história literária e política da América” (ARENAS, 2000, p. 21-22).

Antecedendo o primeiro capítulo do romance, em seu paratexto⁴⁵, Arenas, assim, se posiciona frente à precisão cronológica da “história oficial” (2000, p. 17-19):

(...) sempre **desconfiei** do “histórico”, desse dado “minucioso e preciso”. Porque que coisa é enfim a **História**? Uma fileira de **cartapácios** ordenados mais ou menos cronologicamente? (...) **Os impulsos, os motivos, as secretas percepções** que instam (fazem) um homem não aparecem, não podem aparecer **recolhidos** pela História (...) por isso eu tenha tentado no pouco que fiz, e no pouco que me pertence, **refletir** não uma realidade, mas todas as realidades, ou pelo menos algumas (...) em meio a situações que de tão **intoleráveis** se tornam por vezes **libertadoras** (...) com o fim de jamais nos darmos por **derrotados**.

⁴⁴ As aspas neste parágrafo são citações diretas do romance *O mundo alucinante*. (ARENAS, 2000, P. 17)

⁴⁵ Paratexto, segundo Rodrigo da Costa Araújo, “é um recurso textual que atua como princípio intermediário entre a obra e quem a lê. Esta intrínseca ponte é realizada por meio de títulos, subtítulos, intertítulos, capas, prólogos, preâmbulos, apresentações, introduções, epígrafes, notas de rodapé, entre outros”. De acordo com Araújo, Gérard Genette, criador desta palavra, conceitua esta modalidade como instrumento que transforma efetivamente um texto em uma obra que assim se identifica diante do seu público. Disponível em: <http://www.pglettras.uerj.br/palimpsesto/num10/resenhas/palimpsesto10_resenhas01.pdf>. Acesso em: 02 out. 2014.

A utilização do termo “**desconfei**” relacionado a “**histórico**”, “**dado minucioso e preciso**”, sinaliza uma política de representação que questiona as verdades instituídas pela história oficial através do tempo. Os “**cartapácios**”, coleções de manuscritos antigos, figuram a ordenação dos fatos históricos e se distinguem do movimento de reflexão proposto pela obra.

Dessa forma, em *O mundo alucinante* percebemos como os antagonismos são caracterizados por meio das escolhas dos elementos lexicais que compõem a tessitura de sua narrativa. O elemento “**História**”, no romance, se insere numa política de representação que o toma como recurso para cerceamento de outras “**realidades**”, já que sua precisão só possibilita conferir o aspecto de veracidade a fatos isolados e marcados no tempo. A ação de “**refletir**”, dessa maneira, aparece no romance como ação antagônica à documentação “**minuciosa**” dos “**cartapácios**”. *O mundo alucinante* engendra movimento à realidade engessada nas fileiras ordenadas do tempo cronológico e se insere numa política de representação que lhe confere aspecto de reflexão histórica libertadora que não recolhe dados, mas reflete sobre “**os impulsos, os motivos, as secretas percepções que instam (fazem) um homem**”, a fim de fazer ecoar as situações “intoleráveis” ocultadas pela história, mas passíveis de serem evocadas na ficção.

Arenas, dessa maneira, funde-se à personagem *Servando* eliminando qualquer vestígio de tempo e espaço que os poderia tornar distantes. Ao sentir-se representado por esta “vítima incansável⁴⁶”, decide-se por parodiar suas memórias, fazendo da intertextualidade seu princípio maior de composição literária.

Ainda no paratexto de *O mundo alucinante*, Arenas se dirige a *Servando*, numa epístola datada de julho de 1966, elevando a biografia da personagem à condição de verdade. Nela, Arenas declara a fusão entre si e *Servando*. Essa fusão pode ser percebida pela afirmação de serem ambos “**a mesma pessoa**”; não se tratando, desta maneira, de uma interpretação de fatos históricos por ele investigados, mas da descoberta de uma aproximação política e ideológica que os identifica. Isso pode ser observado no fragmento abaixo:

Querido *Servando*: desde que te descobri, numa linha duma **péssima** história da literatura mexicana (...), comecei a tentar localizar-te em todos os lugares. Revolvi **bibliotecas infernais**, onde a palavra “frade” provoca o desconcerto dos catalogadores (...). Fui também a **embaixadas, casas de cultura, museus**, que, claro, nada sabiam de tua existência (...). O **mais útil** foi descobrir que tu e eu **somos a mesma pessoa** (...). Daí que qualquer referência anterior a esta (...) seja desnecessária (...). Apenas tuas memórias, escritas entre a solidão e a azáfama das **ratazanas vorazes**, entre os **fragores** da Real Armada inglesa, e o tintintar dos mulos pelas paisagens sempre intoleráveis e

⁴⁶ (ARENAS, 2000, p. 15).

Espanha, entre **a desolação e o arrebatamento** (...); só elas aparecem neste livro (...) como parte fundamental dele mesmo (...). Estás, **querido Servando**, como o que és: uma das figuras **mais importantes** (...) da história literária e política da América. (ARENAS, 2000, P. 21-22)

Dessa forma, o processo de identificação (aqui observado) possui relevância por se defender o objetivo de Arenas em lançar uma crítica ao período histórico em que viveu frei *Servando Teresa de Mier Noriega y Guerra*. A nosso ver, essa crítica se estende ao seu próprio período histórico (ao de Arenas) e, por que não afirmar, ao nosso, ao de seus leitores.

Tal criticidade pode ser verificada por meio das escolhas lexicais feitas por Arenas para (re) significar, uma vez mais, as instituições que conferem autoridade à história oficial (“**embaixadas**”, “**casas de cultura**” e “**museus**”). No fragmento acima, “**a história da literatura mexicana**” é adjetivada como “**péssima**” e, consequentemente, inútil (a nosso ver), já que não trazem em si as reflexões necessárias para apreensão dos sentimentos de “**solidão**”, “**desolação**” e “**arrebatamento**” que acometeram *Servando* e que foram registradas em suas *Memórias*.

Os elementos aqui destacados se inserem numa política de representação que toma o processo de reflexão sobre a história como um exercício de investigação para além do recolhimento de dados ordenados em “**bibliotecas infernais**”, mas, sobretudo, em recolher as experiências não reveladas nesses dados e que transfiguram o *Servando* incriminado pela “história oficial” no herói incansável convertido numa das “**figuras mais importantes (...) da história literária e política da América**”.

Quando, no início deste trabalho, citamos a relevância de se compreender o conceito do realismo maravilhoso para a apreensão da política de representação *O mundo alucinante*, o fizemos tomando por base o aspecto inquisidor de “tomada de consciência histórica” que o romance carrega em sua narrativa. *O mundo alucinante* é a representação, dessa maneira, da identidade cultural latino-americana, artística e politicamente reivindicada na formação histórica da América Latina.

Assim, defende-se que as perspectivas ideológicas representadas neste romance são responsáveis pela demarcação de critérios capazes de distinguir “ficção” e “realidade”, e se constituem, sobretudo, em um ato de intervenção sobre o modo como o olhar será direcionado a esta mesma realidade.

As aventuras vivenciadas pelo protagonista, dessa forma, são a referência sobre a qual narrativa se debruça para composição de *O mundo alucinante*. Ao rejeitar a precisão cronológica “recolhida” pelo cientificismo da “história oficial”, Arenas faz surgir na tessitura de sua obra o “*Servando*” perseguido pela Inquisição mexicana que, após ser expatriado à Europa, teve de sobreviver às perseguições políticas e

religiosas que não o fizeram sucumbir, graças à pulsação de vida motivada pelas lutas que travou para ver concretizado o sonho de independência do México do domínio europeu.

No romance de Arenas, *Servando* se posiciona frente aos “juízes do Real Cárcere Público de Sevilha” acerca de sua condição de sujeito histórico perseguido:

– Nada pode demonstrar mais claramente a **minha inocência** que vós me declarardes **culpado**... Entrei neste **calabouço** ainda **jovem** e saio para outro um **velho** e com a **morte** à porta. Cheio de doenças. **O meu crime é ser americano** e não compartilhar das **falsidades religiosas** em que nem os que a inventaram acreditavam, a quem **todavia** serviam e servem para eles se **aproveitarem** da **ingenuidade** do povo e submetê-lo. Agora não vejo tanta importância nessas **falsidades**, mas sim na maneira de **combater** os que as criam. Essa é a diferença entre o frade idealista que vós encarcerastes e este homem que não anseia mais que (...) ver a América **livre** de todas as **pragas** impostas pelos europeus, e que sabe que só se pode conseguir isto com a total **independência**. (ARENAS, 2000, P. 194)

Podemos perceber o posicionamento de *Servando* em relação às perseguições sofridas pela Inquisição ao tecer suas críticas às arbitrariedades do europeu sobre o povo da América em *O mundo alucinante*. Trata-se de denúncias aos discursos que fundamentaram a dominação de um povo em detrimento de outro, ou seja, às “**falsidades religiosas**”⁴⁷, apontadas como invenções sustentadas na “**ingenuidade**” do americano e utilizadas para sua submissão.

Dessa forma, o romance evoca uma política de representação que configura o europeu como opressor e o americano como oprimido. Às “**falsidades religiosas**” se associam os elementos “**calabouço**”; “**velho**”; “**morte**”; “**crime**” e “**pragas**” numa política de representação que os contrapõem, respectivamente, aos elementos: “**livre**”; “**jovem**”; “**combater**”; “**inocência**” e “**independência**”.

Considerando o caráter político e a implicação ética inerentes a toda política de representação, entendemos que os aspectos ideológicos representados em *O mundo alucinante* partem da reflexão histórica da vida do personagem *Servando* (as convenções que o cercaram, seus medos e cerceamentos) e se estendem a todo o povo da América Latina, oferecendo ao romance um aspecto de registro que foge aos critérios da “história”, mas não da “tomada de consciência” que o romance carrega em sua narrativa.

⁴⁷ De acordo com Gomes (1994), o trabalho da Inquisição no contexto da territorialidade geográfica da América Latina teve início no final do século XVI. Seus propósitos na América Latina foram, entre outros, a perseguição aos judeus tidos como hereges, aos cristãos novos (convertidos), aos humanistas e enciclopedistas, aos patriotas que lutavam pela independência das colônias, às publicações consideradas nocivas ao poder e à ideologia cristã. O saque aos bens dos hereges sob suspeita revela, também, o autoritarismo e o caráter empresarial (a Inquisição como empresa) das autoridades espanholas e portuguesas. Disponível em: < Dialnet-America-4785837.pdf >. Acesso em: 23 set. 2014.

É o que podemos perceber no fragmento abaixo:

E agora, ó frade, dirás da fome que passaste por esses caminhos (...). Falarás, ó frade, da fome terrível que açoita essa “santa cidade”, onde os pobres cortam pedaços do corpo para pô-los na panela, e onde os ladrões são tão abundantes que quando alguém não o é logo o canonizam; e, apesar disso, os santos são mui escassos em Roma (...). Fala, ó incansável prelado doméstico, Fala, ó frade.

(...) A Roma fui pensando que ia conhecer uma cidade **santa**, mas (...) senão **misérias entre o povo**, fustigado pelos **constantes impostos** da **Igreja**, que se **aproveita** da ignorância para encher as suas arcas. (ARENAS, 2000, p. 184)

Nesse fragmento, observamos que o romance incide sobre a onipresença do poder da Igreja, e que a *Servando* é atribuída a função de porta-voz, quando, de sua passagem por Roma, das calamidades das quais padecem uma população fustigada pelos “**constantes impostos**”, num cenário que retrata as “**misérias entre o povo**”, em contraposição ao significado de “**cidade santa**” que este universo representa.

Ao instituir *Servando* como porta-voz para tais relatos, *O mundo alucinante* o faz conferindo-lhe a autoridade de “**prelado doméstico**”, que carrega a responsabilidade, enquanto integrante do clero, de denunciar as atrocidades da Igreja sobre a população de Roma, trazendo à tona a terrível fome que “**açoita**” essa “**santa cidade**” para a “**encher as suas arcas**”.

Qualificando-o como “**prelado doméstico**”, o romance insere *Servando* numa política de representação que o torna mensageiro responsável por evidenciar as consequências da corrupção que marginaliza a população, na qual *Servando* também se insere, em detrimento do fortalecimento do poder da Igreja, poder este que também incide violentamente sobre os povos da América.

Não por acaso, no romance se assinalam, uma vez mais, os antagonismos que representam o domínio de uma força violenta, representados por meio da escolha dos elementos “**terrível**”, “**açoita**”, “**misérias**” e “**aproveita**” acometidos sobre a população subjugada, que é representada por meio dos elementos “**pobres**”, “**povo**”, “**fustigado**” e “**ignorância**”.

Salientamos, dessa forma, o aspecto transgressor que caracteriza o discurso de *Servando* e se faz permanente em todo o romance. Esta transgressividade, *Servando* inaugura em seu discurso para retirar da Espanha a legitimidade de seu domínio sobre a América, legitimidade esta sustentada no processo salvacionista de catequização dos povos pagãos do Velho Mundo.

Cabe ressaltar que, em 1780, de acordo com Rocha (2008), frei *Servando Teresa de Mier* se tornou alvo da ira de políticos e religiosos por divulgar, em seu sermão *Guadalupano*, na *Colegiata de Guadalupe*, um

cristianismo “autóctone ao dizer que Nossa Senhora de Guadalupe e Santo Tomás estiveram nas Américas antes da chegada de Cristóvão Colombo, sob os nomes dos deuses astecas Tonantzin e Quetzacoátl”.

As peregrinações e aventuras de frei *Servando* foram compiladas, segundo Rocha (2008), sob o nome de *Memórias* para documentação dos “inúmeros padecimentos” do pensador mexicano no Velho Mundo após sua expulsão do México.

Arenas, ao resgatar estas *Memórias* na narrativa de *O mundo alucinante*, institui uma intertextualidade paródica com o que Rocha (2008) nomeou como um “clássico da literatura americana às vésperas de passar pelo processo de independência”. Isto significa que Arenas fez da paródia de *Memórias* uma estratégia de composição em seu romance. Observemos o fragmento abaixo:

- Eu penso que a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe é do tempo de São Tomás, a quem os índios chamam Quetzacoátl. (...) Eu duvidei, e então **Borunda** abriu mais a boca e me enfiou a cabeça dentro dela (...) – Aqui estão as provas concludentes (...) - Em todos estes hieróglifos se demonstra claramente (...) que a Virgem de Guadalupe já reinava em **melhor mundo** antes da chegada dos *guachupines* (...) o que é mui lógico, pois Jesus disse aos apóstolos “pregai por todo o mundo”, e, a América, naturalmente, é parte **mui principalíssima** do mundo. (ARENAS, 2000, p. 57)

Neste trecho, *O mundo alucinante* dá voz a um personagem misterioso responsável pelo processo de “tomada de consciência” de *Servando*, que, não encontrando “frescas ideias” para atender à solicitação do “arcebispo em pessoa” (p. 55) para preparar o sermão sobre a Virgem de Guadalupe, é levado a uma caverna onde se depara com a figura enigmática de *Borunda*⁴⁸, que, no entanto, é registrado em *Memórias* como autor das teorias que levaram frei *Servando* a questionar a legalidade do domínio espanhol sobre a América.

Recriando o texto de *Servando*, Arenas promoveu, portanto, a reescrita da realidade histórica em que este personagem viveu. Essa prática de significação possibilitou a Arenas promover uma reflexão política sobre o processo histórico constituinte da identidade do povo americano. Isso é percebido no fragmento abaixo, em que *Servando* levanta indagações “irresolúveis” frente ao “murmúrio de anacronismos⁴⁹” que constituíram as perseguições por ele sofridas:

⁴⁸ José Ignacio Borunda (1740-1800), abogado nacido en Querétaro, publicó un alucinante escrito “Clave historial” a raíz del descubrimiento de ciertos objetos pre hispánicos en la Plaza de la Constitución de Ciudad de México en 1790 en el curso de unas obras de remodelación, donde propugnaba de nuevo la síntesis Santo Tomás-Quetzalcóatl además de sostener una delirante teoría según la cual un famoso cuadro de la Virgen de Guadalupe estaba pintado sobre la capa del apóstol. Disponível em: <<https://historiadeamerica.wordpress.com/tag/jose-ignacio-borunda/>>. Acesso em: 23 set. 2014.

⁴⁹ (ARENAS, 2000, p. 141).

Até quando ser americano constituirá **condenação** que não se apaga senão com anos de **exílio** e **polimentos** de **culturas estranhas** e não raro **inúteis**? Até quando seremos considerados seres **paradisíacos** e **luxuriosos**, criaturas de sol e água? Até quando vamos ser considerados **seres mágicos** guiados pela **paixão** e pelo **instinto**, como se todos não se guiassem por esses princípios (...). Até quando vamos permanecer em **perpétuo** descobrimento por **olhos desconhecidos**? (ARENAS, 2000, P. 141)

As injustiças experimentadas pelo protagonista (*Servando*) são denunciadas, conforme verificamos no fragmento acima, via linguagem: os absurdos que compõem a tessitura desta narrativa são, sobretudo, poderosa crítica à repressão política dos países europeus sobre a América Latina entre os séculos XVIII e XIX. Por meio de suas instituições de poder (Igreja e governo), tais países europeus cometeram atrocidades e perseguições capazes de sustentar sua autoridade, mesmo que forçosamente consolidada.

O “murmúrio de anacronismos” acima assinalado refere-se, dessa maneira, ao questionamento “**até quando**” realizado por *Servando*. Tal questionamento, dessa forma, não se restringe a um passado datado, mas significa “**ser americano**” na atemporalidade.

Nesse trecho, identificamos a responsabilidade ética em torno de todo processo de representação; remetemo-nos à “tomada de consciência” enquanto processo instaurador de uma identidade que toma, no caso específico de *O mundo alucinante*, o latino-americano como referente. Isto significa que, em seu processo de construção simbólica e discursiva, o romance estabelece uma afirmação identitária por meio da negação de outra identidade, neste caso, da europeia.

Ao elencar os elementos “**paradisíacos**”; “**luxuriosos**”; “**seres mágicos**”; “**instinto**” e “**paixão**”; o romance se insere numa política de representação que fomenta severa crítica às nomeações que estabeleceram a diferenciação entre europeu e latino-americano ao longo dos séculos. Isso evidencia que a força dos atos de fala (performatividade da linguagem) se efetiva na iterabilidade dos discursos enquanto bases sólidas para a formação identitária de um povo.

Assim, *O mundo alucinante* representa a reflexão sobre os determinismos que instituíram uma identidade cultural à América Latina como caminho para mudança desta história de “**exílios**” impregnada de “**culturas estranhas**”, que se caracterizam “**inúteis**” justamente por terem sido perpetuadas por meio do privilégio do europeu em imperar sobre o americano, politicamente representado na obra como os “**olhos desconhecidos**” que, em consonância com o processo de diferenciação denominado por Silva (2000), incluiu, excluiu, classificou e normalizou de acordo com os seus parâmetros identitários próprios.

No trecho abaixo, que dá voz a *Servando*, observamos que a servidão dos povos colonizados da América é representada sob o pretexto salvacionista utilizado pela Inquisição:

Mui bem sabia eu que a *Haro y Peralta* pouco interessava a tradição da Virgem de Guadalupe e que até duvidava dela. Mas bem sabia ele que **lhe convinha manter o povo em tal engano** para conseguir **facilidades**. Para justificar-se e governar. **Para manter como servos todos os índios e crioulos**. Por isso (...) mandou que me pusessem preso na minha própria cela (...). E foi tanta propaganda contra mim, que logrou enfurecer todo o México, de per si dulcíssimo, o qual, porém por ter **pouco tirocício** se deixou **levar pelas palavras** e me teria esquartejado se eu não me tivesse refugiado na cela do convento onde agora estou **mais que preso: humilhado**. (ARENAS, 2000, P. 67)

Como verificado no fragmento acima, *Servando* insere o discurso produzido pela Igreja acerca da aparição da Virgem de Guadalupe numa política de representação que o toma como “**engano**”. O arcebispo espanhol *Haro y Peralta*, personagem que, no romance, simboliza o domínio da Inquisição sobre o México, é a representação do ato de governar europeu pautado no recebimento de “**facilidades**” e justificado no aprisionamento ideológico de “**todos os índios e crioulos**”.

A *Servando*, transgressor de uma “**tradição**”, coube o encarceramento físico, e à grande massa que povoava a América, o aprisionamento ideológico, ambos sustentados pela “**propaganda**” da Igreja. Como verificamos no fragmento acima, esta grande massa se insere, no romance, numa política de representação que a equipara a “**servos**” de “**pouco tirocício**” que se deixa “**levar pelas palavras**” do dominador.

Dessa forma, reiteramos a representação que dá sentido a *O mundo alucinante*. Por meio das práticas de significação, o romance configura a colonização em território americano como uma ação que não se justifica nos discursos de cristianização dos povos que já viviam na América antes da nomeada “descoberta”, ou seja, traz à tona os aspectos religiosos que, no processo de colonização, fortaleceram sua ilusória motivação salvacionista.

Evocando as memórias do personagem, o romance ratifica as perspectivas ideológicas de *Servando*, que representa, neste romance, a demarcação de critérios capazes de distinguir “ficção” e “realidade”, mas que constituem, sobretudo, um ato de intervenção sobre o modo como o olhar será direcionado a esta mesma realidade, como percebemos no fragmento que segue:

“**Poderosos e pecadores são sinônimos na linguagem das Escrituras**, porque o poder os enche de orgulho e inveja, e **lhes facilita os meios de oprimir e assegura a impunidade**. Assim a conseguiu o arcebispo do México, Dom Alonso Núñez de Haro, na **perseguição** que me moveu

por causa do sermão da Guadalupe, que, sendo então religioso da Ordem dos Pregadores, fiz no santuário de Tepeyac no dia 12 de dezembro de 1794 ...” (ARENAS, 2000, P. 67)

Dessa forma, o romance reforça uma política de representação que configura, como já afirmado, o aspecto de **“propaganda”** da **“linguagem das Escrituras”** que facilita **“os meios de oprimir e assegura a impunidade”** do europeu colonizador. Postos como sinônimos, **“poderosos e pecadores”** são a representação do poder instituído e, dessa maneira, coube a *Servando* o aspecto de revolucionário transgressor implicado em sua tomada de posição e de crítica a esta ordem, como percebido em todo o romance.

Assim, o passado é trazido à tona como forma de estimular anseios de resistência no presente. Isto porque provoca a rememoração de todo o domínio e repressão dos colonizadores espanhóis sobre a América e que são base de sustentação de *O mundo alucinante*.

O “sentido de dor do homem dorido” que o romance representa se faz perene em sua atemporalidade, em sua indiscutível atualidade que não depende, como defendido por Arenas, de um tempo cronológico do qual o “homem é metáfora”. Isto porque as lutas travadas por *Servando* (transcritas de suas *Memórias*) são objetivadas por seu anseio de liberdade individual e coletiva.

Dessa forma, mais que questionar o aspecto religioso instituidor do aprisionamento desta personagem e de toda América, *O mundo alucinante* revela os determinismos dos domínios político e econômico que favoreceram o imperialismo europeu sobre a colônia.

Evidenciar toda a repressão sofrida por *Servando* foi, dessa maneira, uma escolha objetivada por Arenas para transmissão dos aspectos da cultura e da política ocidental sobre a América, ou seja, uma representação da vontade política de Arenas que, segundo Rajagopalan (2003), deve ser entendida como ação no mundo.

Considerações finais

Entendendo a política de representação enquanto uma prática de significação que possibilita aos sujeitos se posicionarem politicamente por meio de escolhas lexicais em seu processo de construção discursiva, lançamos sobre *O mundo alucinante* um olhar orientado por uma pesquisa em pragmática.

Dessa forma, a partir da análise dos fragmentos aqui elencados, pudemos perceber os aspectos políticos do romance de Reinaldo Arenas, cuja crítica não se volta para um “vazio”. Representa, no entanto, um desejo de mudança que se volta, em *O mundo alucinante*, exatamente para um regime de poder que, desde os primórdios da colonização na América, “forçosamente” se estabeleceu.

Evidenciando um posicionamento que revela a consciência política do romance frente à validação dos interesses políticos da Europa por meio do doutrinamento religioso promovido pelas missões, *O mundo alucinante* dá voz a um mítico homem americano que, perseguido pela Inquisição espanhola, vivencia as mais extremas situações de violência.

Sua narrativa representa, como percebemos nos fragmentos analisados, uma denúncia das atrocidades que antagonizaram América e Europa no processo histórico de colonização.

Mesmo que Reinaldo Arenas as tenha destacado como inverossímeis, define as experiências de frei *Servando* como os reflexos da cólera e do amor de um personagem que buscou mudar a história na qual se via como injustiçado e que, assim, tornou-se eterno enquanto metáfora dos sentimentos que representam os que nunca se darão por derrotados em sua luta incansável por liberdade, vítimas incessantes “de todos os tempos⁵⁰”.

Dessa forma, a análise dos fragmentos nos possibilita compartilhar a perspectiva de Rajagopalan (2010) em relação à natureza social da linguagem, considerando-a como uma ação sobre o mundo.

Através deste estudo, pudemos concluir que as questões políticas e linguísticas que envolvem todo o processo de representação determinaram as escolhas lexicais em *O mundo alucinante*, demonstrando que, numa escala de valores que tais escolhas envolvem, o romance tomou por responsabilidade ética a representação política de reflexão sobre a história da formação identitária do povo latino-americano.

Assim, motivado por razões ideológicas que lhe conferem aspecto de registro, *O mundo alucinante* se insere numa política de representação de tomada de consciência que fomenta a reflexão crítica sobre toda e qualquer forma de poder, seja ele político, econômico ou cultural, que seja capaz de acarretar o domínio de um povo em detrimento de outro.

Referências:

ARENAS, Reinaldo. *O mundo alucinante*. Trad. Carlos Nogué. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

_____. *El mundo alucinante*. Barcelona: Ed. Montesinos, 1981.

GÓIS, Felipe de Paula. *Em busca da América: o real maravilhoso como discurso de representação do continente latino-americano*. Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Vieira%20FPG.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2013.

⁵⁰ (ARENAS, 2000, p. 15)

JÚNIOR, Jorge França de Faria. *Política de representação e identidade social na cultura popular: uma análise pragmática por meio das práticas discursivas dos agentes sociais e da mídia*. Disponível em: <file:///D:/Users/WIN7/Downloads/FariasJuniorJorgeFran%C3%A7ade_D%20(2).pdf>. Acesso em: 28 jan. 2013.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é linguística*. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos).

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 47-68.

_____, 2013. *O percurso da performatividade*. Disponível em: <Pintohttp://revista.cult.uol.com.br/home/2013/11/o-percurso-da-performatividade/>. Acesso em: 25 jan. 2014.

RAJAGOPALAN. Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*/ Kanavillil Rajagopalan, Dina Maria Martins Ferreira, organizadores. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

_____. *A nova pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROCHA, Carolina da Cunha. *Frei Servando Teresa de Mier e o exotismo às avessas - o selvagem ilustrado desbrava as terras do Velho Mundo*. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/viewFile/3347/2926>. Acesso em: 26 maio 2013.

SILVA, Luciana Cristina da. *A constituição identitária do professor de língua espanhola em formação: tensão entre teoria e prática*. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/3082VIEIRA>.